

A REDUÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Aluiza Alves de Araújo*

Resumo: Esta investigação estuda a síncope nas palavras proparoxítonas, sob o prisma da sociolinguística variacionista, nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Este processo, que é a redução fônica pela perda de um ou mais segmentos em sílaba postônica, teve origem no latim vulgar e permanece vivo ainda hoje no português brasileiro. Com o objetivo de verificar a atuação de fatores sociais sobre o fenômeno analisado, foram controladas, neste trabalho, as variáveis: gênero, faixa etária, escolaridade e localidade. A amostra é constituída por duzentos informantes, provenientes das vinte e cinco capitais do ALiB. Constatou-se que a escolaridade é a variável que exerce maior influência sobre a redução das proparoxítonas.

Palavras-chave: Síncope. Proparoxítonas. Atlas Linguístico do Brasil. Variação.

Abstract: This research studies the syncope in words with antepenultimate syllable stress, through the prism of variationist sociolinguistics, the Linguistic Atlas Project data from Brasil (ALiB). This process, which is the reduction phonics by loss of one or more segments in post-tonic syllable, originated in Vulgar Latin and remains alive today in Brazilian Portuguese. With the aim of verifying the performance of social factors on the phenomenon analyzed were controlled, in this paper, the variables gender, age, education and location. The sample consists of two hundred informants, from the twenty-five capitals ALiB. It was found that schooling is the variable that has the most influence on the reduction of words with antepenultimate syllable stress.

Keywords: Syncope. Words with antepenultimate syllable stress. Linguistic Atlas of Brazil. Variation.

Introdução

As proparoxítonas constituem a menor classe de palavras da língua portuguesa, se comparadas às paroxítonas e oxítonas, e apresentam um comportamento característico que está relacionado à tendência de sofrerem síncope, isto é, a redução fônica pela perda de um ou mais segmentos em sílaba postônica, e, conseqüentemente, à regularização do padrão

* Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, aluizazinha@hotmail.com

acentual, já que se transformam em paroxítonas, como em lâmpada > lampa e abóbora > aboba, entre outros exemplos.

Já, no latim vulgar, documenta-se a “tendência a evitar as palavras proparoxítonas: *masclus (masculus), domnus (dominus), caldus (calidus), fricda (frigica), virdis (viridis)*”, que são substituídas por paroxítonas, como informa Coutinho (1976, p. 32). Porém, o processo não estava circunscrito apenas ao latim vulgar, já que na língua clássica, de acordo com Nunes (1956), também ocorria a queda das proparoxítonas.

Esse processo, que não é exclusividade da nossa língua, posto que é possível encontrá-lo em quase todas as línguas românicas, permanece vivo no português brasileiro popular contemporâneo, como revelam os estudos de Nascentes (1922), Marroquim (1934) e Amaral (1955) sobre variedades regionais. Além disso, tem-se notícia de que, no falar dos mais escolarizados, em situações específicas, há registro de variação das proparoxítonas, segundo Aragão (1999).

Esta investigação trata da realização variável das proparoxítonas, nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB), sob o prisma da sociolinguística variacionista, com o objetivo de identificar os fatores sociais (gênero, faixa etária, escolaridade e localidade) que favorecem a síncope, esperando-se, assim, contribuir com a descrição do português falado no país.

Nesta pesquisa, foram analisados onze itens lexicais do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB, extraídos da fala de duzentos informantes, provenientes de vinte e cinco capitais brasileiras.

As proparoxítonas no português brasileiro: estudos variacionistas

Apresentaremos agora os principais resultados dos estudos mais recentes que abordam a síncope das proparoxítonas, destacando o papel dos fatores sociais nas análises variacionistas.

Sob a perspectiva sociolinguística e acústica, De Paula (2010) investiga o alçamento das vogais médias /e/ e /o/ postônicas não finais na fala do Estado do Rio de Janeiro, com base em corpora de características sócio (Projeto Norma Urbana Oral Culta do Estado do Rio de Janeiro - NURC/RJ, Programa de Estudos sobre o Uso da Língua - PEUL e o Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro - APERJ) e geolinguísticas (MicroAtlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro - AFERJ e Atlas Fonético do Entorno da

Baía de Guanabara - AFeBG), além de dados provenientes da análise acústica das vogais analisadas. Nos bancos de dados de caráter variacionista, foram analisadas 121 entrevistas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e, nos questionários geolinguísticos, selecionaram-se 07 questões que foram aplicadas a 96 informantes, com a finalidade de analisar os condicionamentos linguísticos e sociais que favorecem a regra em estudo. Estes corpora permitem que o fenômeno seja estudado em dois diferentes estilos de fala: um monitorado (dados do AFeBG e AFERJ) e outro mais próximo da fala espontânea (dados do NURC, APERJ e PEUL).

Dentre os resultados da análise variacionista, destaca-se o uso quase categórico do alteamento da vogal média /o/, ao passo que a vogal /e/ apresenta o seguinte comportamento: na fala culta, predomina a variante [e], mas, na fala popular, a forma [i] é usada de forma quase categórica na área urbana, encontrando alguma resistência na zona rural. Embora a autora focalize sua atenção na regra de alteamento, a sua pesquisa também fornece informações sobre o cancelamento das proparoxítonas. De acordo com De Paula (2010), a síncope ocorre tanto na variedade culta (NURC-RJ) quanto na variedade popular (APERJ e PEUL). Este fenômeno também foi registrado nos dados de caráter geolinguístico (AFERJ e AFeBG).

Ramos (2009) estuda o comportamento variável das vogais postônicas não-finais nos nomes, na variedade da região de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, segundo os princípios da Sociolinguística Quantitativa e das Fonologias não-lineares: Fonologia Métrica, Fonologia da Sílabas e Fonologia Autossegmental. Partindo de uma amostra constituída de 19 inquiridos de fala espontânea do *corpus* IBORUNA e de 02 experimentos (de fala dirigida), desenvolvidos para o estudo de natureza fonológica, a autora objetiva analisar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre dois processos fonológicos: o alteamento das médias postônicas /e/ e /o/ e o apagamento de ambas as vogais.

A pesquisa de Ramos (2009) revela que a frequência de aplicação do processo de apagamento é muito baixa, ao contrário do que ocorre com a regra de alteamento que, no caso de /o/, apresenta os mais altos índices de alçamento, e, no caso de /e/, embora os números sejam mais discretos, também favorece a elevação na fala espontânea. Os traços da consoante seguinte e os traços da consoante precedente à vogal postônica não-final constituem os contextos mais favoráveis à redução das proparoxítonas. A única variável social selecionada para o apagamento foi a faixa etária, que apresenta as pessoas de 36 a 55 (0.75) anos e as de mais de 55 anos (0.56) usando mais o apagamento do que as faixas mais jovens (7 a 15 anos: 0.19; 16 a 25: 0.46 e 26 a 35: 0.15), o que RAMOS (2009, p. 96) interpreta como “uma

tendência a uma estabilidade entre as variantes aplicação e não-aplicação do processo de apagamento da postônica não-final.” Sobre esta interpretação, a autora não fornece maiores detalhes.

França (2009) investiga a supressão da postônica não-final em palavras proparoxítonas, no falar de 36 indivíduos das áreas urbana e rural de Jarú, no Estado de Rondônia, tendo como suportes teóricos: a Sociolinguística Variacionista, a Fonologia Prosódica e a Fonologia Métrica.

Os resultados desta pesquisa mostram que a variável faixa etária é a que exerce maior influência sobre o apagamento da vogal postônica não-final. Os mais velhos atuam como aliados da variante sincopada, enquanto os mais jovens desfavorecem o processo. O fator tipo de entrevista, selecionado em segundo lugar, favorece, discretamente, o apagamento. A fala livre, isto é, espontânea, age, positivamente, na queda das proparoxítonas, ao contrário do que ocorre na fala dirigida, contexto pouco natural. A escolaridade foi selecionada como a terceira variável que mais interfere no fenômeno. Os menos escolarizados contribuem para a síncope, enquanto os mais escolarizados tendem a inibi-la. Selecionado em quinto lugar, o fator sexo surge com pesos relativos próximos do ponto neutro. Os homens favorecem, levemente, o apagamento, ao contrário das mulheres. Dentre as variáveis linguísticas, o contexto fonológico precedente foi o que mais se destacou no favorecimento do processo.

Examinando a fala de 36 informantes do sudoeste de Goiás, Lima (2008) analisa os processos fonológicos decorrentes da síncope de palavras proparoxítonas, com base nos pressupostos da Fonologia Métrica, e também investiga, sob a óptica variacionista, os fatores linguísticos e sociais que agem, positivamente, na aplicação do processo. Os dados foram coletados em dois municípios do sudoeste de Goiás: Rio Verde e Santa Helena de Goiás. O primeiro, fundado em 1848, atrai pessoas de diversas partes do país por seu constante crescimento econômico e apresenta 91% da população residindo na zona urbana. O segundo teve origem em 1938 e apresenta diminuição de sua renda per capita em decorrência de sua principal fonte de renda, o cultivo do algodão, ter migrado para Mato Grosso e Bahia. Isso fez com que muitos moradores migrassem deste município para Rio Verde em busca de trabalho.

Na análise variacionista, o apagamento da vogal (excluídos os casos de nocaute) apresenta baixa frequência (26,6%), ao contrário da manutenção das proparoxítonas. A autora observa que a variável mais relevante para o apagamento das vogais postônicas não-finais é o grau de escolaridade. Os dados apontam que quanto menor o grau de escolaridade das pessoas, maior o emprego da supressão das postônicas não-finais. O fator região geográfica, selecionado em penúltimo lugar, indica que a síncope é mais usada pelos informantes de

Santa Helena de Goiás do que pelos indivíduos de Rio Verde. Segundo a autora, “esse resultado justifica-se pelas características de cada município. Ou seja, a economia em Santa Helena é estritamente voltada para a agricultura, a maioria dos moradores trabalha nas lavouras de cana e algodão.” (LIMA, 2008, p. 125). A pesquisadora conclui que o falar da zona rural favorece a queda das proparoxítonas. A última variável selecionada foi o fator sexo que apresenta os homens como favorecedores da variante estigmatizada, isto é, a síncope. Isso reforça a conclusão de Silva (1996) que, após analisar uma série de pesquisas variacionistas, afirma que as mulheres são mais sensíveis às variantes de prestígio do que os homens.

Com base na Teoria da Variação, Silva (2006) estuda os condicionamentos linguísticos e sociais que agem no sentido de favorecer o apagamento da vogal postônica não-final no falar da cidade de Sapé, na Paraíba, a partir de dados da fala de 36 informantes.

Silva (2006) mostra que, com relação aos fatores linguísticos, o contexto fonológico seguinte é o que exerce maior influência sobre o apagamento e, quanto às variáveis sociais, a escolaridade, a faixa etária, o sexo e o tipo de entrevista, em ordem decrescente de relevância, surgem como as variáveis mais importantes na aplicação das formas sincopadas. Segundo a autora, quanto menor o tempo de permanência na escola, maior o emprego do apagamento. Sua pesquisa também revela que as pessoas com idade mais avançada são as que usam mais o apagamento, ao contrário dos mais jovens. Os homens aparecem como favorecedores das formas sincopadas, enquanto as mulheres mostram-se inibidoras do processo neste estudo. No que se refere aos fatores estilísticos, partindo dos resultados obtidos para a variável tipo de entrevista, a pesquisadora nota que contextos de menor formalidade são fortes aliados da redução das proparoxítonas, diferentemente do que acontece em contextos mais formais.

Partindo de um *corpus* constituído por 40 informantes do município de São José do Norte, no Rio Grande do Sul, Amaral (2002) analisa a síncope das proparoxítonas, de acordo com os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, com a finalidade de analisar os fatores linguísticos e sociais que atuam, favoravelmente, sobre o processo em estudo.

Os resultados da análise de Amaral (2002) indicam que a variável contexto fonológico seguinte é a que mais favorece a síncope. Quanto aos fatores sociais, a escolaridade, selecionada em segundo lugar, é a que beneficia mais o processo. As pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade empregam mais o apagamento, enquanto as que possuem maior escolaridade inibem o seu emprego. O tipo de entrevista foi selecionado como a terceira variável mais importante sobre a síncope. O apagamento encontra uma forte aliada nos contextos de fala mais descontraídos, ao contrário do que ocorre na fala dirigida. O fator sexo aparece em penúltimo lugar na seleção dos fatores condicionantes da queda das

proparoxítonas. De forma discreta, os homens surgem como favorecedores do apagamento, diferentemente do comportamento das mulheres. O último fator selecionado foi o contexto fonológico precedente.

Nos estudos citados acima, nota-se que os fatores sociais exercem forte influência sobre a realização variável das proparoxítonas, destacando-se o efeito da escolaridade que desponta como fator social mais relevante para a compreensão deste fenômeno no português brasileiro.

Metodologia

Nossa amostra é constituída por 200 informantes, extraídos de 25 capitais brasileiras, apresentadas aqui por região: a) Norte: Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco; b) Nordeste: Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Teresina, São Luís, Natal, Fortaleza; c) Centro-Oeste: Cuiabá, Campo Grande, Goiânia; d) Sudeste: Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória; e) Sul: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

De cada uma das localidades mencionadas, foram ouvidos oito informantes. Cada um apresenta as seguintes características:

- faixa etária: I - 18 a 30 anos e II- 45 a 60 anos;
- sexo: masculino e feminino;
- escolaridade: até a 8ª série do fundamental e ensino superior;
- origem: nascidos na localidade, de pais também nascidos na localidade.

Foram selecionados, para análise, onze itens lexicais (lâmpada, elétrico, fósforo, pólvora, abóbora, árvore, sábado, número, fígado, vômito e hóspede) do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB. Serão consideradas respostas válidas tanto a primeira quanto as demais respostas dadas pelos informantes. Entende-se o QFF como um estilo de fala extremamente cuidado, pois o informante presta bastante atenção nas suas respostas.

Os fatores sociais controlados neste trabalho foram: o sexo, a escolaridade, a faixa etária e a localidade. Deixou-se o estudo dos condicionamentos linguísticos para uma próxima investigação.

Análise dos dados

A análise estatística dos dados foi feita com a utilização do GOLDVARB X, que “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, p. 105).

Na primeira análise estatística, foram obtidos 2.243 dados, sendo que 130 (5.8%) casos correspondiam ao apagamento da vogal postônica, enquanto 2.113 (94.2%) representavam ocorrências da manutenção das proparoxítonas.

Porém, foi necessário realizar uma segunda análise estatística em decorrência de um nocaute na rodada inicial. Isto ocorreu, porque foi registrado, em São Luís, o emprego categórico das proparoxítonas.

Na nova análise, excluídos os dados de São Luís, obtiveram-se 2.026 (94.0%) casos de não supressão da postônica e 130 (6%) de apagamento, totalizando, assim, 2.156 dados. Os resultados estatísticos desta segunda rodada são apresentados e discutidos a seguir.

Foram selecionados pelo Goldvarb X, como favorecedores do apagamento da postônica não final, por ordem de importância, os fatores: escolaridade, faixa etária e localidade.

a) Escolaridade

A escolaridade é a variável que exerce maior influência na síncope das proparoxítonas no *corpus* analisado, como acontece nos estudos de Amaral (2002), Silva (2006) e Lima (2008).

De acordo com Labov (1966), os falantes com menor nível de escolaridade são os que mais usam as formas desprestigiadas, ao passo que os mais escolarizados utilizam mais as formas. Esta é uma tendência confirmada em várias pesquisas variacionistas.

TABELA 01 – Atuação da escolaridade sobre a síncope das proparoxítonas

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso relativo
Até o fundamental		10.2	
II	110/1082	1.9	0.71
Ensino Superior	20/1074		0.28

Input .03

Significância: 0,009

Os valores expostos na tabela 01 revelam que os informantes menos escolarizados utilizam, esmagadoramente, a variante sincopada, ao contrário dos mais escolarizados que desfavorecem o seu emprego. Este resultado está diretamente relacionado ao fato das palavras proparoxítonas serem consideradas a forma padrão pela escola e a sua realização sincopada ser vista como a forma não padrão. Assim, quanto mais tempo o indivíduo permanece na escola, menor é o uso da variante não-padrão. Mesmo que a escola não elimine a forma desprestigiada da fala do aluno, o seu uso é bastante reduzido. Dessa forma, os resultados obtidos para esta variável confirmam as palavras de Labov, mencionadas acima, e a tendência verificada em diversos estudos de natureza variacionista.

b) Faixa etária

Analisando a tabela 02, observa-se que os jovens favorecem a manutenção das proparoxítonas, ao passo que os adultos e idosos beneficiam a variante desprestigiada, o que vai ao encontro dos achados de Silva (2006), França (2009) e Ramos (2009). Assim, pode-se dizer que a faixa etária I, inibindo o emprego da forma não-padrão, a síncope, assume um papel conservador, ao contrário da faixa II que, favorecendo o apagamento, utiliza, acentuadamente, a forma inovadora e desprestigiada.

Uma possível explicação para o uso menos frequente da variante padrão pelos jovens, como indica a tabela 2, está relacionada ao fato de que o mercado de trabalho atual parece exigir mais desta faixa etária quanto à aparência e escolarização do que em outras épocas. Some-se a isso à provável interferência dos meios de comunicação de massa que atuam no sentido de difundir a norma-padrão. Além disso, as pessoas, quando se afastam ou estão próximas de se afastarem das atividades profissionais, tornam-se menos sensíveis às formas privilegiadas pela escola.

TABELA 02 – Atuação da faixa etária sobre a síncope das proparoxítonas

Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso relativo
I (18 a 30 anos)	39/1054	3.7	0.38
II (45 a 60 anos)	91/1102	8.3	0.60

Input .03

Significância: 0,009

Porém, segundo Labov (1994), é preciso cautela antes de se atribuir uma mudança linguística à faixa etária, porque outras variáveis, como a escolaridade e a profissão, podem

estar interferindo no processo. Por isso, decidimos averiguar se o comportamento linguístico dos jovens e dos mais velhos sofre interferência da variável escolaridade.

TABELA 03 - Cruzamento dos fatores faixa etária x escolaridade

Escolaridade	Faixa etária			
	I (18 a 30 anos)		II (45 a 60 anos)	
	Aplica/ Total	Frequencia	Aplica/ Total	Frequencia
Até o fundamental II (incompleta)	33/541	6	77/541	14
Ensino Superior (completa)	6/513	1	14/561	2

Input .03 *Significância: 0,009*

Os dados da tabela 03 mostram que os informantes com maior nível de escolaridade, independentemente da faixa etária, são os que mais inibem o uso da variante não-padrão. Assim, constata-se que a distinção no comportamento linguístico de homens e mulheres deve-se muito mais à escolaridade do que a diferenças de faixa etária.

O confronto entre a faixa etária e a escolaridade revelou, com clareza, que somente a criação de condições favoráveis à permanência das pessoas nas instituições de ensino possibilita-lhes a apropriação de bens simbólicos, como as formas linguísticas de prestígio, o que não significa a exclusão das outras variantes, pois o falante pode conviver com as que ele já conhecia e com as formas prestigiadas apresentadas na educação formal. Cabe à escola o importante papel de conscientizar o aluno de que, dependendo da situação, o emprego de uma determinada variante é mais adequado do que outra.

c) Localidade

Na tabela 04, a seguir, apresentam-se os números da análise estatística por região. Constata-se que o favorecimento da síncope, ocorre, obedecendo à ordem decrescente de hierarquia, nas seguintes capitais brasileiras: Florianópolis (.77), Boa Vista (.76), Teresina (.70), Porto Alegre (.64), Cuiabá (.64), Vitória (.64), Aracaju (.61), Goiânia (.58), Rio Branco (.57), Maceió (.56) e Campo Grande (.52). Esta última capital, embora tenha sido selecionada pelo programa, apresentou um peso relativo muito próximo do ponto neutro, significando que

a sua influência sobre o apagamento é pouco significativa. Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Recife, Salvador, João Pessoa, Fortaleza, Natal, Manaus, Macapá, Belém e Porto Velho não beneficiam o apagamento.

Acredita-se que as capitais aliadas do apagamento apresentem tal comportamento por possuírem traços de ruralidade, já que a síncope ocorre mais fortemente em áreas rurais.

TABELA 04 – Atuação da localidade sobre a síncope das proparoxítonas

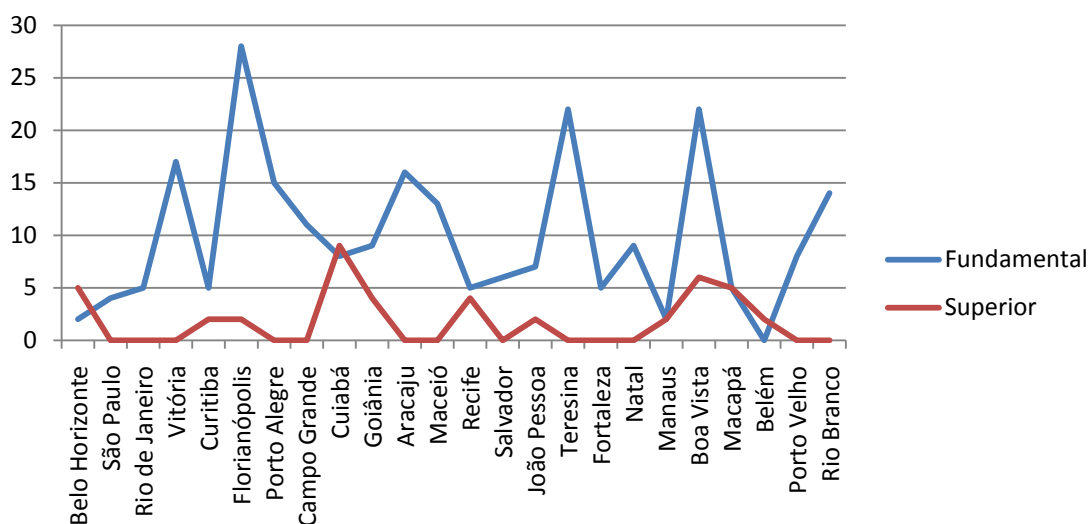
Fatores	Aplica/Total	Frequência	Peso relativo
Belo Horizonte	3/85	3.5	0.40
São Paulo	2/94	2.1	0.27
Rio de Janeiro	2/89	2.2	0.29
Vitória	7/85	8.2	0.64
Curitiba	3/86	3.5	0.40
Florianópolis	16/109	14.7	0.77
Porto Alegre	10/106	9.4	0.64
Campo Grande	5/91	5.5	0.52
Cuiabá	7/85	8.2	0.64
Goiânia	6/95	6.3	0.58
Aracaju	8/94	8.5	0.61
Maceió	6/89	6.7	0.56
Recife	4/87	4.6	0.46
Salvador	3/93	3.2	0.38
João Pessoa	4/86	4.7	0.47
Teresina	9/85	10.6	0.70
Fortaleza	2/83	2.4	0.31
Natal	3/77	3.9	0.45
Manaus	2/86	2.3	0.30
Boa Vista	13/93	14.0	0.76
Macapá	4/83	4.8	0.47
Belém	1/90	1.1	0.12
Porto Velho	4/94	4.3	0.44
Rio Branco	6/91	6.0	0.57

Input .03

Significância: 0,009

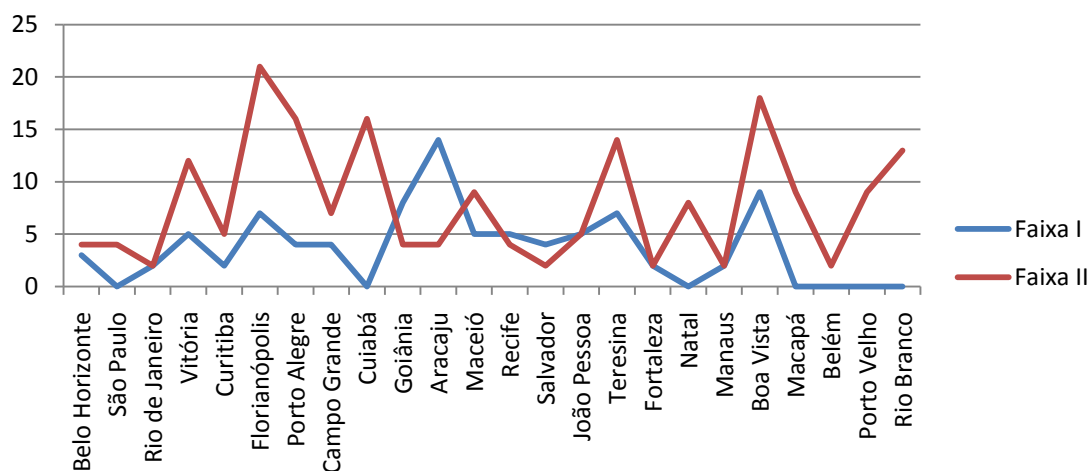
O gráfico 1 que vem a seguir mostra o resultado do cruzamento feito entre os fatores localidade e escolaridade, permitindo a observação de algumas tendências sinalizadas nos dados. Uma destas tendências indica que o apagamento é mais frequente entre os informantes menos escolarizados em quase todas as capitais brasileiras. Isso só não ocorre nas capitais do norte: Belém, Manaus e Macapá. Na primeira, a síncope só foi encontrada entre as pessoas com formação escolar superior e, no caso das duas últimas, verificou-se a ocorrência do mesmo índice de aplicação para a variante sincopada e para a manutenção. Em Florianópolis, foi encontrada a mais alta taxa de emprego da forma sincopada entre os falantes pouco escolarizados. Também em Teresina e Boa Vista as taxas de aplicação da variante reduzida entre os indivíduos com pouca escolaridade foram muito altas. Os informantes com formação superior não realizaram nenhuma ocorrência da síncope em São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Porto Alegre, Campo Grande, Aracaju, Maceió, Salvador, Recife, Teresina, Fortaleza, Natal, Porto Velho e Rio Branco.

Gráfico 1 - Localidade x Escolaridade



Também foi feito o cruzamento entre os fatores localidade e faixa etária, como mostra o gráfico 2 que segue logo abaixo.

Gráfico 2 - Localidade x faixa etária



O gráfico 2 permite inferir que, nas capitais brasileiras, o apagamento é mais realizado entre os informantes mais velhos do que entre os mais novos. Em Florianópolis e Boa Vista, encontram-se as mais elevadas taxas de frequência de apagamento entre os mais velhos e, entre os informantes mais jovens, os índices mais altos de aplicação da síncope foram encontrados em Aracaju. Indiferentemente da faixa etária, apresentaram as mesmas frequências de apagamento: Rio de Janeiro, João Pessoa, Fortaleza e Manaus.

Considerações finais

A variável escolaridade revelou-se a mais importante para o fenômeno em análise. Como em outros estudos apresentados neste trabalho, constatou-se que a pouca escolaridade favorece o uso da variante considerada desprestigiada, a síncope. Os fatores localidade e faixa etária também foram revelados como favorecedores da queda das proparoxítonas.

Referências

- AMARAL, M. P. do. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-126.
- ARAGÃO, M. S. S. de. Aspectos fonéticos das proparoxítonas no falar de Fortaleza. In: II CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 1999, Florianópolis-SC. Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN, Florianópolis- SC: Rocha, 1999. p. 8-8.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1970.

DE PAULA, A. *Vogais médias postônicas na fala do Estado do Rio de Janeiro*. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

FRANÇA, S. A. O apagamento da vogal postônica não-final por falantes de Jarú- Estado de Rondônia. *Acta Scientiarum. Language and Culture*: Maringá, v.31, n. 2, p.169-182, 2009.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LIMA, G de O. *O efeito da síncope em proparoxítonas: uma análise fonológica e variacionista*. 2008. 216f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Clássica, 1956.

RAMOS, A. P. *Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista*. 2009. 175f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

SILVA, A. P. da. *Supressão da vogal postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências na fala sapeense*. 2006.133f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SILVA, M. M. P.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.